

# Governo deve aumentar verbas para inovação

Além de mais recursos, incentivo à geração de conhecimento requer aumento de parcerias entre empresas e universidades

Cláudia Bredarioli e  
Amanda Vidigal Amorim  
redacao@brasileconomico.com.br

A economia aquecida e o destaque do Brasil no mercado externo ajudam a chamar a atenção para as oportunidades dentro de ensino, pesquisa e tecnologia. É neste contexto que as iniciativas em inovação têm ganhado espaço no governo, nas universidades, nas empresas e nos institutos de pesquisa, fortalecendo a tendência de que esse espaço de discussão seja convertido em ações e aumento de verba para a inovação tecnológica no país.

O ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, por exemplo, chegou a dizer que em vez de o governo destinar R\$ 40 milhões ao longo de três anos, como o fez por meio do PAC de Tecnologia, essa deveria ser a verba disponível anualmente. Ele reconheceu a necessidade premente de aumento da destinação de recursos para a ciência e disse que, limitar os recursos é ruim, visto que essas pesquisas são essenciais para o futuro do país.

Na semana passada, o ministro anunciou que o governo estuda a criação de quatro novos fundos setoriais para ciência, tecnologia e inovação, pelo menos um deles a ser financiado com tributação sobre automóveis que não usam biocombustíveis. Os fundos, segundo ele, usariam recursos do setor financeiro, da indústria automotiva, da mineração e da construção civil.

O problema, conforme pontua Isa Asséf, presidente da Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica e Inovação (Abipti), é que ainda falta gestão adequada dos recursos e, principalmente, fortalecimento da relação entre institutos de pesquisa, academia e empresas para aplicação das verbas em inovação. “O Brasil vive uma situação muito diferente dos Estados Unidos, por exemplo, onde os empresários investem nas universidades. O governo precisa agir para induzir movimentos como este no país. A Lei da Informática é um exemplo de como isso é possível”, afirma Isa.

## Ministério da Ciência e Tecnologia quer transformar a Finep em um banco de fomento para a inovação

Para propor melhorias nesse contexto, a Abipti vai realizar um encontro com seus mais de 200 associados no dia 27 para redigir um documento com propostas a serem entregues ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Segundo Isa, entre os tópicos a serem tratados estão a revisão dos marcos regulatórios legais para financiamentos, a necessidade de mais agilidade na liberação de recursos e a permissão de uso das verbas para pagamento de pessoal das próprias instituições de pesquisa (atualmente, o dinheiro só pode ser destinado ao pagamento de terceiros).

Mas o Brasil tem histórias de sucesso de iniciativas em inovação. A Universidade de Campinas (Unicamp), por exemplo, destaca-se como modelo que se traduz em uma nova fonte de receitas para a instituição por meio de royalties. No ano passado, a universidade alcançou a marca de 600 famílias de patentes registradas. Ao longo dos últimos cinco anos, essas patentes renderam R\$ 1,3 milhão em licenciamentos. Apenas em 2010, foram 43 patentes registradas, o maior número durante um ano. Em 2009, a Unicamp havia recebido R\$ 5,5 milhões em verbas de convênios para sua agência de inovação, a Inova.

A receita de royalties ainda é inconstante. No ano passado, foi de R\$ 191.681,57. Em 2007, os licenciamentos chegaram a render quase R\$ 305 mil (veja tabela). A queda, segundo Roberto Lotufo, diretor-executivo da Inova, se deve à dificuldade de encontrar empresas dispostas a comercializar ou investir em projetos ainda em fase inicial. “Quando se deposita uma patente, a pesquisa na maioria das vezes está em fase inicial. Isso dificulta a universidade ou o próprio pesquisador a encontrar empresas que queiram investir nesses projetos.” A queda nos últimos anos deve ser revertida com a construção de um novo centro de inovação dentro da universidade, que poderá render novas pesquisas e empresas (leia mais ao lado) — uma estrutura passível de ser copiada por outras instituições do país. ■ **Colaborou Fabiana Parajara, com agências**

### UNIÃO EUROPEIA



### Parceria bilateral permitirá intercâmbio

Até outubro, quando ocorre o encontro Brasil-União Europeia deve ficar pronta uma agenda de intercâmbios de ensino superior e também culturais entre as duas partes. No início de abril, quando esteve no Brasil, a Comissária para Educação e Cultura da Comunidade Europeia, Androulla Vassiliou, defendeu maior internacionalização do ensino superior. Dentro deste escopo, a União Europeia propôs ao Ministério da Educação (MEC) a criação de um grupo para discutir as validações de cursos de graduação e pós-graduação.



### USO DE PATENTES DE TECNOLOGIA DA UNICAMP

Universidade é referência em pesquisa e transferência de tecnologia

PROPRIEDADE INTELECTUAL E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
PEDIDOS DE PATENTES DEPOSITADOS NO INPI	52	66	54	50	51	52	51
PEDIDOS DE PATENTES VIA PCT	5	2	4	11	13	5	11
CONTRATOS DE LICENCIAMENTO DE TECNOLOGIA E PARTICIPAÇÃO NOS RESULTADOS ASSINADOS	13	11	2	10	4	4	7
CONTRATOS DE LICENCIAMENTO DE TECNOLOGIA E PARTICIPAÇÃO NOS RESULTADOS VIGENTES	17	26	26	33	34	36	43
GANHOS ECONÔMICOS AUFERIDOS*, EM R\$ MIL	**	65,2	211,8	305,0	301,3	195,7	191,6

Fonte: Unicamp

\*Entende-se por ganhos econômicos toda forma de royalties, remuneração ou quaisquer benefícios financeiros resultantes da exploração direta ou por terceiros, deduzido as despesas, encargos e obrigações legais decorrentes da proteção da propriedade intelectual (Lei nº 10.973)

\*\*Não divulgado

“

O pedido de patente é feito ainda muito no início da pesquisa, e só faz sentido se há uma empresa querendo investir naquilo. É dessa maneira que o pesquisador consegue colocar suas ideias e sua pesquisa no mercado

**Roberto Lotufo,**  
coordenador da Inova,  
agência de inovação da Unicamp



## FUNDO DE INVESTIMENTO

### Ex-alunos voltam à sala de aula para dar lição de empreendedorismo

Para fomentar não apenas pesquisa e inovação, mas também o desenvolvimento de novos empreendedores, a Universidade de Campinas criou, em 2006, a Unicamp Ventures. Composto por ex-alunos e atuais empresários, o grupo realiza cursos e reuniões periódicas para estudantes da instituição. “Ainda temos poucas iniciativas nessa questão. Precisamos melhorar isso no Brasil”, diz Roberto Lotufo, coordenador da agência de inovação da Unicamp. Além das palestras, a Unicamp Ventures conta com uma rede social que integra todos os participantes. O objetivo, segundo Lotufo, é promover o relacionamento entre alunos e

empresários. O grupo inclui de empresas que atuam no mercado há 20 anos a pré-incubadas. “Essa troca de experiência faz toda diferença para quem está começando”, afirma Lotufo. No Brasil, existem poucas instituições que favorecem essa troca entre empresários consagrados e quem ainda engatinha no mundo dos negócios. Uma delas é a Endeavor, organização não governamental que fomenta o empreendedorismo no Brasil e no mundo. Entre os conselheiros da ONG estão João Paulo Lemann, Pedro Luiz Passos e Emílio Odebrecht. Na Unicamp, o projeto ainda está no início, mas já conta com um grupo de 130 empresas. Em

janeiro deste ano, os membros da Unicamp Ventures criaram a Inova Ventures Participações, empresa de capital fechado constituída por 48 acionistas, para investir em empreendimentos com alto potencial de crescimento. “A iniciativa dos empresários, todos ex-alunos da Unicamp, é investir em *startups* daqui de dentro. Eles têm conhecimento no mercado externo, são empreendedores de sucesso e têm experiência para conseguir ganhar dinheiro pelo investimento em outras empresas”, diz Lotufo. “Desta maneira, fomentam o empreendedorismo e investem em quem será grande daqui alguns anos”. **A.V.A.**